



Realizada periodicamente desde 2005, a pesquisa “O Brasileiro e sua Relação com o Dinheiro”² apresenta um retrato de como a população e o comércio lidam com o dinheiro e, por sua regularidade, permite identificar transformações no meio circulante.

Hábitos de manuseio e guarda, reconhecimento e diferenciação das notas, uso e entesouramento de moedas, emprego de diferentes meios de pagamento, os temas abordados na pesquisa subsidiam ações de gestão do meio circulante, como, por exemplo, campanhas de comunicação, políticas de distribuição de numerário e projetos para novas cédulas, que afetam direta ou indiretamente a vida do cidadão.

Informações sobre meios de pagamento subsidiam também ações do BCB para estimular o uso de instrumentos eletrônicos, que trazem benefícios em termos de segurança, eficiência, inclusão financeira e prevenção a lavagem de dinheiro e ao financiamento ao terrorismo.³

¹ Este texto foi preparado pelo Departamento do Meio Circulante (Mecir) com contribuições do Departamento de Operações Bancárias e de Sistema de Pagamentos (Deban).

² Acesse todas as edições da pesquisa (2005, 2007, 2010, 2013 e 2018) em <<https://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/n/MECIRestpesq>>. É importante esclarecer que o objetivo do presente artigo é analisar os resultados referentes ao uso do dinheiro e outros meios de pagamentos, não alcançando, portanto, as demais dimensões da pesquisa, quais sejam o “manuseio do dinheiro” e o “reconhecimento dos elementos de segurança”.

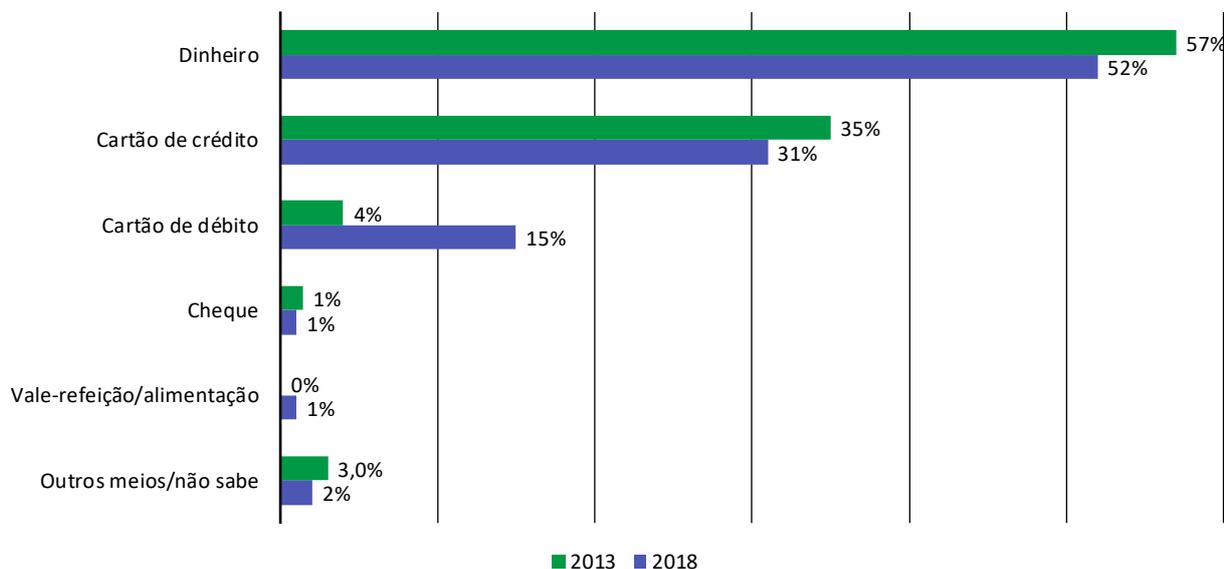
³ Sobre os esforços do BCB em modernizar os instrumentos de pagamento, ver <<https://www.bcb.gov.br/htms/novaPaginaSPB/ArtigoSPB2R.asp?IDPAI=SPBREF>>. Ver ainda discurso de abertura do Diretor de Política Monetária na reunião plenária do Fórum SPB (Fórum AIP) de abril de 2018 <https://www.bcb.gov.br/pom/spb/seminarios/2018-Abr-ForumAIP/Discurso_Diretor_Reinaldo_Le_Grazie.pdf>.

» Meios de pagamento mais usados

A pesquisa aqui descrita não tem como objetivo metodológico específico a identificação de características do mercado de pagamentos eletrônicos, mas identificar “qual a proporção das vendas em que se utiliza o dinheiro em relação a outras formas de pagamento”.⁴ Ressalta-se ainda que o público-alvo da pesquisa é “população geral” e “caixas de estabelecimento comerciais”. Nem todos os pagamentos são realizados em caixas de estabelecimentos comerciais, de forma que as conclusões da pesquisa não devem ser generalizadas sobre todos os pagamentos realizados.

Na comparação com a edição anterior, a pesquisa de 2018 aponta que, entre as formas de pagamento recebidas com maior frequência pelo comércio, houve aumento no uso do cartão de débito (de 4% em 2013 para 15% em 2018), mas certa estabilidade no uso do dinheiro e do cartão de crédito.⁵ A soma dos percentuais obtidos por cartões de débito e de crédito (46%) continua inferior ao do dinheiro em espécie (52%), embora tenha crescido 7 pontos percentuais em relação à pesquisa anterior.

Gráfico 1 – Formas de recebimento de pagamentos mais frequentes pelo comércio

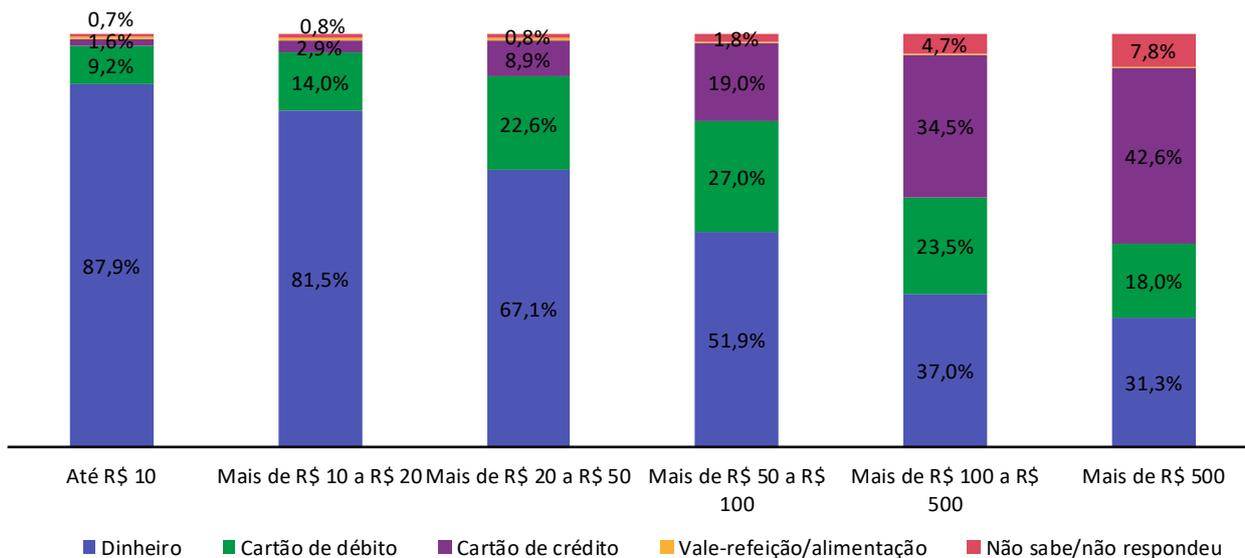


Apesar de o uso ainda ser menos frequente, dentro da amostra pesquisada os meios eletrônicos estão mais associados a pagamentos de valores superiores a R\$100,00. À medida que aumenta o valor a ser pago, cresce também a utilização de cartões de débito e de crédito em relação ao uso do dinheiro. Conforme nota-se no Gráfico 2, a pesquisa de 2018 apontou que, para valores acima de R\$ 100,00, o uso de cartões supera o do dinheiro.

⁴ Ver especificação técnica disponível em <<https://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/n/MECIrestpesq>>.

⁵ As variações de 35% para 31% para cartão e de 57% para 52% para dinheiro entre 2013 e 2018 encontram-se dentro da margem de erro da pesquisa, que é de 3p.p.

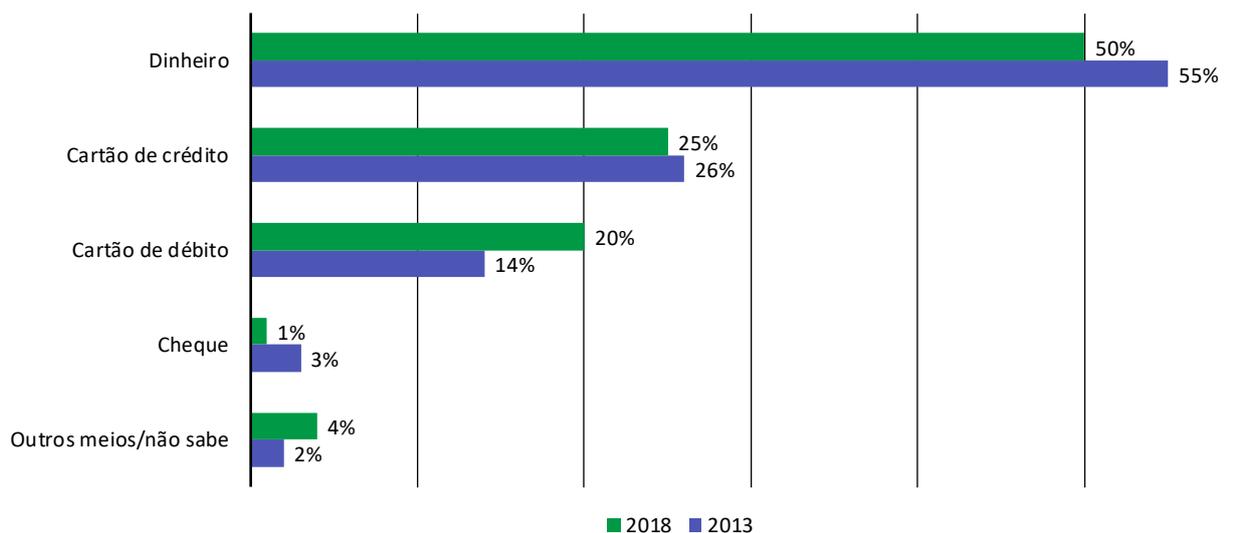
Gráfico 2 – Meio de pagamento utilizado por valor de compra



Em uma comparação entre cartão de crédito, de débito e dinheiro em espécie, os respondentes do grupo da população consideraram o cartão de crédito o mais vantajoso para parcelar despesas (50,5%) e, também, boa opção para gastos emergenciais (33,1%). O cartão de débito ganha no quesito segurança (35,8%). O dinheiro em espécie se destaca na obtenção de descontos (81,5%), na aceitação pelos estabelecimentos (69%), nos custos (61,5%), no controle de gastos (55,3%), na facilidade de uso (50,8%), na comodidade (47,2%), sendo também considerado a melhor opção para gastos emergenciais (46%).

A pesquisa realizada no comércio distribui o volume de pagamentos recebidos em: 50% dinheiro, 25% cartão de crédito e 20% de débito (Gráfico 3). No que diz respeito à aceitação dos meios de pagamento pelos estabelecimentos comerciais, cartão de débito e de crédito são aceitos em, respectivamente, 76% e 74% dos estabelecimentos.

Gráfico 3 – Volume de pagamentos por meio



Essas informações revelam, por um lado, crescimento dos meios de pagamento eletrônicos, ao tempo em que atestam, por outro lado, que o dinheiro em espécie continua sendo largamente utilizado no Brasil. Para o Banco Central, isso indica a necessidade de buscar aprimorar continuamente a gestão do meio circulante, de modo a atender a uma demanda real da sociedade.

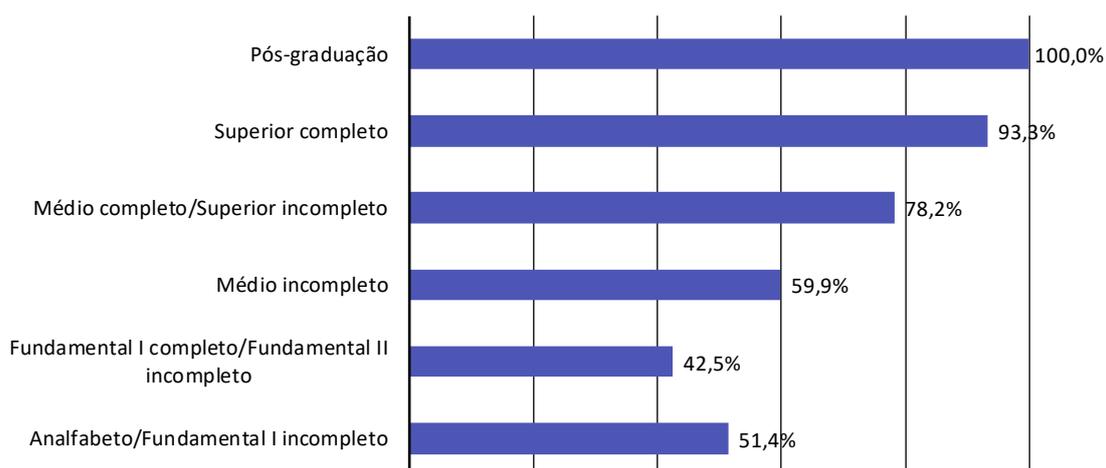
Indica ainda importância de priorizar ações para estimular o uso de pagamentos eletrônicos. O papel do Banco Central na modernização dos instrumentos de pagamento é, principalmente, o de fomentador da cooperação entre os agentes econômicos que participam dos sistemas de pagamentos de varejo, estabelecendo metas, recomendações e princípios que induzam a promoção da eficiência e da segurança dos instrumentos de pagamento.

Reconhecendo o importante papel dos comerciantes na disseminação do uso de instrumentos de pagamento, o Banco Central tem promovido, em parceria com instituições como Sebrae, CNDL e CNI, ações de informação direcionadas a estabelecimentos comerciais.

» Uso de serviços financeiros

Outro dado que deve ser avaliado com atenção é o da bancarização da sociedade brasileira. Com relação à posse de conta-corrente, conta-salário ou conta de poupança, 72,3% dos respondentes da população disseram que têm ao menos uma conta.⁶ Quando se analisam os dados por escolaridade (Gráfico 4), no entanto, verifica-se que apenas 51,4% dos respondentes analfabetos ou com o ensino fundamental incompleto declaram possuir conta. Da mesma forma, entre os respondentes que recebem até dois salários mínimos, esse percentual é de 61,7%.

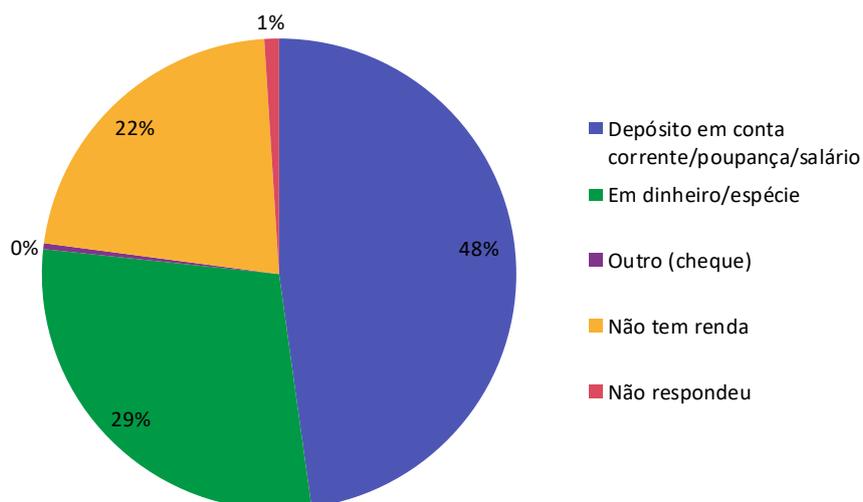
Gráfico 4 – Posse de conta de acordo com a escolaridade



O fato de ser correntista de um banco, no entanto, não significa o pleno uso desses serviços. Por exemplo, dos 72,3% que se declararam bancarizados, apenas 48% disseram receber seu salário em conta bancária. Isso indica que, no Brasil de hoje, o acesso a serviços bancários não implica necessariamente o uso intensivo desses serviços e, mais uma vez, que o uso do dinheiro em espécie ainda é bastante habitual, mesmo diante de uma alternativa eletrônica.

⁶ O número difere daquele que se obtém pelas informações prestadas diretamente pelas instituições financeiras ao Banco Central. De acordo com estes últimos, em 2017 mais de 140 milhões (86,5%) de pessoas mantinham algum relacionamento bancário, como contas de depósitos à vista (conhecidas popularmente como contas-correntes), contas de depósitos de poupança e contas-correntes de depósitos para investimento. Deve-se ressaltar que os dados informados pelas instituições ao Banco Central incluem todas as contas não encerradas, até mesmo aquelas que possuem saldos muito baixos ou que não registraram saques, depósitos e transferências por períodos longos. Da mesma forma como acontece com a amostragem utilizada pelo Global Findex, citado anteriormente, pode-se inferir que pessoas que não movimentam uma conta por um longo período tendem a considerar que não tem conta, embora ela possa continuar ativa.

Gráfico 5 – Como recebe o salário ou pagamento



» Troco: um problema de mão dupla

Sobre o costume de juntar moedas, somente 25,6% do grupo de pessoas entrevistadas afirmou ter esse hábito. Desse grupo, 59,3% disseram gastar as moedas no período de um mês, e apenas 6,9%, guardá-las por mais de um ano. Quanto à obtenção de troco no comércio, as respostas ficaram equilibradas entre quem afirmou conseguir troco e quem disse raramente conseguir. Isso indica que, embora as moedinhas não fiquem guardadas por muito tempo, a percepção de falta de troco ainda é grande.

No grupo do comércio, 50,8% afirmaram que o estabelecimento onde trabalham costuma ter troco suficiente. Quanto ao comportamento dos clientes, 66,2% dos caixas disseram que os clientes exigem troco, porém apenas 39,2% declararam receber moedas desses clientes para facilitar o troco. Ao mesmo tempo, no grupo da população em geral, 53,1% afirmaram exigir troco.

» Inclusão financeira e meio circulante

A pesquisa realizada apresenta retrato de como a população e o comércio lidam com os meios de pagamento, em especial o dinheiro. A comparação com os resultados anteriores indica algumas transformações em curso, como a ampliação dos pagamentos digitais.

Embora não seja objeto desta pesquisa, pode-se afirmar que a inclusão financeira é um dos agentes das transformações identificadas. Mais acesso, uso e qualidade dos serviços financeiros têm o potencial de mudar a relação do brasileiro com o dinheiro. Da mesma forma, despertar o interesse da população por aspectos do uso do dinheiro, em si, pode aproximá-la de outros produtos e serviços financeiros. Isso indica a afinidade entre os temas e a importância de serem analisados em conjunto.